

A EDUCAÇÃO EMOCIONAL COMO FUNDAMENTO DA APRENDIZAGEM

EMOTIONAL EDUCATION AS FUNDAMENTAL OF LEARNING

Autor: Hygor Melo de Sena¹; Docente Orientador(a): Francisca Barros²;

Resumo

A educação emocional é um assunto ainda embrionário em cenários escolares, por isso o presente trabalho vem ressaltar as ideias sobre educação emocional mostrando suas bases e necessidade de discussão para o processo de aprendizagem. Utilizando uma revisão bibliográfica, percebemos as origens da educação emocional em Howard Gardner (1995) e Daniel Golemann (2001), que ressaltam a importância da inserção do conhecimento da educação emocional para o desenvolvimento da pessoa humana no ambiente escolar. Esse estudo bibliográfico aponta que os pesquisadores sublinham que as emoções têm impacto fulcral na aprendizagem, mas que muitos professores e responsáveis educacionais revelam, ainda, alguma insegurança em incorporarem o trabalho sobre as emoções na sala de aula. O papel da inteligência emocional dentro e fora da escola exige “educar” as emoções para que as pessoas tornem-se aptas a lidar com frustrações, angústias e medos.

Palavras-Chave: Educação Emocional, Sucesso, Aprendizagem

Abstract

Emotional education is still an embryonic subject in school settings, which is why the present work emphasizes the ideas about emotional education, showing its bases and the need for discussion for the learning process. Using a bibliographic review, we understand the origins of emotional education in Howard Gardner (1995) and Daniel Golemann (2001), who emphasize the importance of inserting the knowledge of emotional education for the development of the human person in the school environment. This bibliographic study points out that researchers underline that emotions have a central impact on learning, but that many teachers and educational leaders also reveal some insecurity in incorporating the work on emotions in the classroom. The role of emotional intelligence inside and outside the school requires “educating” emotions so that people become able to deal with frustrations, anxieties and fears.

Keywords: Emotional Education, Success, Learning.

¹Licenciatura em Física, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí *campus* central, hygorquantum@tutanota.com

²Professora doutora do IFPI

1 INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade os filósofos pré-socráticos, platônicos e aristotélicos mencionavam o homem de acordo com o que eles chamavam de quatro transcendentais: *unum*, *verum*, *bonum* e *pulchrum* (unidade, verdade, bondade e beleza, respectivamente). Essa forma de ver o homem era expressa através da música e a emoção era vista como um meio para educar e ensinar costumes e a moral da época. A partir do século XVII, os psicólogos já admitiam a divisão da mente em três dimensões: cognição, afeto e motivação (WEDDERHOFF, 2001), apontando o afeto, ligado à emoção e constitutivo da aprendizagem.

Conjugando ideias de Piaget e Vygotsky, Damásio (2014) afirma que as emoções e a razão não são elementos completamente dissociados, como propôs Descartes. Até hoje, o senso comum é de que a razão é o contrário da emoção. Entretanto, Damásio revela, em seus trabalhos, que pessoas que possuem alguma deficiência na região do cérebro responsável pelas emoções apresentam dificuldades de aprendizado, inferindo que as emoções fazem parte da evolução da espécie humana e, obviamente, do desenvolvimento da criança e do adolescente, constituindo parte fundamental da aprendizagem humana.

Nessa linha de pensamento, Fonseca (2016) sublinha que a emoção dirige, conduz e guia a cognição, e, portanto, não se pode compreender a aprendizagem sem reconhecer o papel dela em tão importante função adaptativa humana.

Como somos seres sociais e dispomos de cognição social, não surpreende que as emoções arrastem uma dinâmica interpessoal muito profunda, configurando a própria relação professor- -aluno primordial às aprendizagens escolares (FONSECA, 2016).

Nesse sentido, as emoções são fundamentais no processo de aprendizagem, pois geram sentimentos e atos racionais que são utilizados para aprender. Assim, as emoções são as iniciadoras do processo.

Dessa forma, este trabalho pode estimular os professores e agentes educativos, em geral, a aprofundarem leituras sobre a importância das emoções nos processos de aquisição da aprendizagem, uma vez que tem uma influência substancial nos processos cognitivos em humanos, incluindo percepção, atenção, memória, raciocínio e resolução de problemas (DAMÁSIO, 2014).

Por longo tempo, o componente emocional foi descuidado na educação institucionalizada e as contribuições científicas vêm auxiliando a resolução dessa deficiência, uma vez que revelam e comprovam a dimensão emocional do aprendizado, e, portanto, essa pesquisa justifica-se nesse contexto. Ademais, a alfabetização emocional no contexto escolar constitui-se em um novo caminho para inserir as emoções e a vida social nos currículos formais.

Posto isto, torna-se pertinente o seguinte questionamento: Qual a influência das emoções na aprendizagem? Com vistas a refletir sobre essa questão, esse trabalho tem por objetivo geral apresentar reflexões sobre a educação emocional como fundamento para a aprendizagem, e como objetivo específico discutir as ideias basilares a respeito da influência da educação emocional na aprendizagem.

Para tanto, procuramos no percurso desse trabalho, estabelecer um diálogo entre aprendizagem, cérebro e emoção, discorrendo sobre as ideias de teóricos como: Casassus (2009) que faz referência à intrínseca relação entre a emoção e aprendizagem, Goleman (1995) que torna relevante o papel das emoções no processo de ensino e aprendizagem; Gardner (1995), com a teoria das inteligências múltiplas, questionando a visão predominante de inteligência centrada em habilidades linguísticas e lógico-matemáticas, Cosenza (2011), que explica como o cérebro aprende, dentre outros autores.

A abordagem dessa pesquisa é qualitativa, de natureza básica e de procedimento bibliográfico e se fundamenta nas ideias de pesquisadores, como psicólogos, sociólogos, pedagogos e neurocientistas que estudam sobre as habilidades cognitivas e emocionais e do funcionamento comportamental, que nos traz conhecimentos e avanços nas pesquisas sobre a temática desse trabalho.

2 A EDUCAÇÃO EMOCIONAL NA APRENDIZAGEM

A palavra emoção vem do latim e-movere, que quer dizer mover a partir de dentro, logo, as emoções são fatores intrínsecos à constituição do ser e se manifestam em diferentes situações vivenciadas no ambiente em que o sujeito está inserido. Representa uma passagem entre o sistema orgânico e mundo social originando um nível de consciência do indivíduo, assim, as emoções interferem de

forma significativa nos processos de ensino e aprendizagem.

Sabemos que a aprendizagem nas escolas é sempre influenciada por nossa teoria de quem é a criança, bem como por nossas teorias de aprendizagem e ensino.

A aprendizagem também é fortemente afetada por quais são nossos objetivos, os modos de aprendizagem de que precisamos para realizar esses objetivos, o processo necessário para transmitir esses modos de aprendizagem e os métodos pedagógicos que usamos para induzir e sustentar um processo de aprendizagem.

Procurando refletir sobre isso, constatamos que em nenhuma outra época, o homem conseguiu acumular tantos conhecimentos como atualmente. Entretanto, podemos perceber que, apesar da diversidade de conhecimentos adquiridos e socializados, muito pouco é discutido em contextos escolares sobre o próprio homem, os sentimentos e as emoções que envolvem a aprendizagem.

Curiosamente, há pouca discussão sobre a teoria ou teorias que fundamentam a educação emocional nas escolas. É sabido que a teoria cognitivo-comportamental, a pesquisa do cérebro, a ciência emergente das emoções são modelos teóricos que fornecem informações importantes para orientar o trabalho docente, pois numerosos estudos em uma variedade de disciplinas, incluindo neurociência, educação e psicologia revelaram que as emoções desempenham um papel importante na aprendizagem (SELI et al. 2016; TYNG et al. 2017; UM et al. 2012)

As descobertas realizadas pela neurociência de que a emoção estaria ligada de forma especial ao aprendizado foi a base de confirmação das afirmações de Rousseau, Pestalozzi, Montessori e outros pedagogos que já, de certo modo, sabiam da influência da emoção na aprendizagem.

Esses apontamentos impulsionaram as ideias sobre uma educação da emoção de que os centros emocionais do cérebro estão intrinsicamente entrelaçados com as áreas neocorticais envolvidas na aprendizagem cognitiva e é por isso que quando pensamos em nossos tempos escolares e lembramos de professores que gostávamos, certamente recordamos, também, do ambiente de uma sala de aula onde tínhamos prazer em aprender. Sob essa perspectiva da neurociência, este ótimo ambiente de aprendizagem reflete em um estado cerebral interno propício à aprendizagem.(COSENZA, 2011)

Essas premissas endossam que as salas de aula são ambientes emocionais e as experiências emocionais dos alunos podem afetar sua capacidade de aprender, seu envolvimento na escola e suas escolhas de carreira.

Nesse âmbito, buscamos nos fundamentos de Goleman (1995), argumentos para tentarmos entender o sentido do termo emoção. Para o autor “todas as emoções são, em essência, impulsos para lidar com a vida que a evolução nos infundiu”(p.20). A partir dessa proposição, julgamos que as emoções funcionam como um sinalizador interno de que algo importante está acontecendo. Portanto, emoção e cognição estão inseparavelmente entrelaçadas; ambas são parte de como o cérebro processa e responde às informações do mundo ao nosso redor.

Para Goleman (1995, p.37):

O primeiro tipo de compreensão é fruto da mente emocional, o outro, da mente racional. Na verdade, temos duas mentes — a que raciocina e a que sente. Esses dois modos fundamentalmente diferentes de conhecimento interagem na construção de nossa vida mental.

Portanto, podemos observar que esse autor defende uma abordagem de junção entre emoção e razão, que apesar de serem circuitos cerebrais diferentes uma tem influência no processo da outra, pois quando a emoção não atua no raciocínio a razão revela-se falha. Goleman (1995) explica que quando as emoções são fortes demais pode ocorrer os sequestros emocionais ou como ele achou melhor chamar de “paixões”, que são episódios em que as emoções tomam conta de todo o lado racional.

Sobre a influência das emoções nos processos educacionais, Cosenza (2011, p.82) destaca a importância da “interação entre os processos cognitivos e emocionais no cérebro”. Seu estudo constata que podemos conceber que o cérebro responde aos estímulos recebidos, e “dependendo do tipo de estímulo – positivo ou negativo – regiões específicas do cérebro são ativadas favorecendo ou não, a aprendizagem” (p.84), ou seja, as emoções estimulam a atenção dos alunos e desencadeiam o processo de aprendizagem. Elas afetam o que é aprendido e o que é retido.

Goleman (2001), ainda reitera que ser emocionalmente inteligente significa, principalmente, conhecer as próprias emoções e as emoções alheias, sua intensidade, e suas causas e consequências. Esse autor reforça que “ser emocionalmente

alfabetizado é tão importante na aprendizagem quanto a matemática e a leitura.”(GOLEMAN, 2001, p. 276). E complementa pontuando que:

A ideia básica é elevar o nível de competência social e emocional nas crianças como parte de sua educação regular — não apenas uma coisa ensinada como paliativo, mas um conjunto de aptidões e compreensões essenciais para cada criança.(p. 278).

Essa ideia de que existem várias aptidões além do raciocínio lógico-matemático, foi apresentada pelo psicólogo e cientista Howard Gardner (1995), que causou grande impacto nos meios pedagógicos com sua teoria das inteligências múltiplas, divulgada no início da década de 1980. Seu interesse pelos processos de aprendizado já estava presente nos primeiros estudos de pós-graduação, quando pesquisou as descobertas do suíço Jean Piaget (1896-1980). Por outro lado, a dedicação à música e às artes, que começou na infância, o levou a supor que as noções consagradas a respeito das aptidões intelectuais humanas eram parciais e insuficientes.

Nesse compasso, a teoria das inteligências múltiplas de Gardner traz uma visão mais detalhada da afirmação de Goleman da existência de uma inteligência emocional e de uma inteligência racional. Para Gardner (1995), cada indivíduo nasce com um vasto potencial de talentos ainda não moldado pela cultura, o que só começa a ocorrer por volta dos cinco anos.

Segundo ele, a educação costuma errar ao não levar em conta os vários potenciais de cada um. Além disso, é comum que essas aptidões sejam sufocadas pelo hábito nivelador de grande parte das escolas.

A maneira mais difundida de aplicar a teoria das inteligências múltiplas é tentar estimular todas as habilidades potenciais dos alunos quando se está ensinando um mesmo conteúdo. As melhores estratégias partem da resolução de problemas. Segundo Gardner (1995) não é possível compensar totalmente a desvantagem genética com um ambiente estimulador da habilidade correspondente, mas condições adequadas de aprendizado sempre suscitam alguma resposta positiva do aluno - desde que elas despertem o prazer do aprendizado.

3 EDUCAÇÃO EMOCIONAL E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Como dizia Aristóteles, “Educar a mente sem educar o coração não é educar”. Steiner e Perry (2001 *apud* Clara e Maria, 2009, p. 141) afirmam que a pessoa

emocionalmente educada é capaz de lidar com as emoções de modo a desenvolver seu poder pessoal e a criar maior qualidade de vida. Para os autores, a Educação Emocional amplia os relacionamentos, cria possibilidades de afeto entre pessoas, torna possível o trabalho cooperativo e facilita o sentido de comunidade.

A educação emocional, assim, se faz importante justamente no tocante à formação integral do aluno, por fornecer-lhes ferramentas capazes de desenvolverem estratégias para que esses alunos consigam trabalhar melhor suas ações, tanto intrapessoais como interpessoais.

Consoante Goleman (2001, p.18):

uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação Homo sapiens, a espécie pensante, é enganosa á luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas. Como sabemos por experiência própria, quando se trata de moldar nossas decisões e ações, a emoção pesa tanto – e às vezes muito mais – quanto à razão. Fomos longe demais quando enfatizamos o valor e a importância do puramente racional – do que mede o QI – na vida humana. (GOLEMAN, 2001, p.18).

De fato, em função das necessidades, interesses e motivações das pessoas, as emoções fornecem dados fundamentais para imaginar e engendrar ações, especialmente no campo educacional. O ser humano, ao longo da sua evolução, e na criança, ao longo da sua trajetória desenvolvimental, todas as ações e pensamentos (como sinônimo de cognição), são coloridas pela emoção.(FONSECA, 2016, p. 366).

3.1 Sobre Inteligência Emocional

O termo inteligência emocional ou como é mais conhecido nas siglas I.E, ganhou uma grande repercussão nos dias atuais, entretanto como mencionado na Revista de Ciências e Humanidades em 2018 vol. 1, o seu desenvolvimento tem se dado desde o início da década de 90 pelos professores das Universidades de New Hampisre e Yale John D. Mayer e Peter Salovey.

No entanto, a I.E só veio a ganhar visibilidade em 1995 com a publicação do livro que foi best seller mundial escrito pelo autor e psicólogo Daniel Goleman, que o nomeou como “Inteligência Emocional”. Para Goleman, (2005, p. 63):

A capacidade de criar motivações para si próprio e de persistir num objetivo apesar dos percalços; de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em bom estado de espírito e de

impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar; de ser empático e autoconfiante.

Esse autor ainda afirma que a inteligência emocional pode ser dividida nos seguintes componentes: autoconsciência, autogestão, consciência social e a habilidade de gerenciar relacionamentos. Para ele, a autoconsciência é considerada a competência essencial da inteligência emocional, pois é a habilidade de conhecer a si mesmo, “é a capacidade de interpretar suas próprias emoções que permite às pessoas conhecerem suas forças e limitações e se sentirem confiantes em seu valor próprio.” (GOLEMAN, 2015, p. 70).

Já na consciência social, diz Goleman (2015, p.70): “A consciência social inclui as capacidades-chave da empatia” Ou seja, é considerar o sentimento dos outros, identificar na linguagem corporal, no olhar ou no tom de voz o que as pessoas em nossa volta estão sentindo, para assim poder auxiliar naquele momento de forma correta.

Por fim, Goleman cita a habilidade de gerenciar relacionamento como a culminância de todas essas aptidões da Inteligência Emocional. O mesmo menciona em seu livro que “a gestão de relacionamentos inclui as capacidades de se comunicar de forma clara e convincente, desarmar conflitos e desenvolver laços pessoais fortes” (2015, p. 70).

Portanto, é notório como a inteligência emocional possui um papel fundamental para buscar empatia com o próximo, construir laços mais profundos, para com isso quebrar defesas e gerenciar emoções de forma consciente para usá-las nas melhores tomadas de decisão.

Dessa forma, a inteligência emocional, nada mais é a capacidade de criar maneiras para se motivar, de ser persistente em um determinado objetivo, de saber controlar impulsos, de se manter calmo em determinado momento, impedindo que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar, ter empatia pelo outro e ser autoconfiante.

Para aprofundar a questão aqui discutida é importante pontuar Goleman (1995, p. 60), quando expressa que:

As pessoas com prática emocional bem desenvolvida têm mais probabilidade de se sentirem satisfeitas e de serem eficientes em suas vidas, dominando os hábitos mentais que fomentam sua produtividade; as que não conseguem exercer nenhum controle sobre sua vida emocional travam batalhas internas que sabotam a capacidade de concentração no

trabalho e de lucidez de pensamento.

Na citação acima, Goleman (1995) afirma que é importante exercitar a autoconsciência dos educandos. O autor em questão destaca que as pessoas com práticas emocionais bem desenvolvidas conseguem lidar melhor com os problemas encontrados no dia-a-dia, ao contrário dos que não possuem controle emocional, pois travam batalhas internas estressantes, que dificultam suas capacidades de concentração e autoconcentração.

4 Educação emocional: um diálogo pertinente para os currículos escolares

Daniel Goleman (2001) destaca vários estados que adotaram seu programa SEL (social and emotional learning), entre eles, o estado de Illinois, nos Estados Unidos, que vêm oferecendo um modelo específico de habilidade SEL. Como exemplo ele descreve um dos currículos. Para Goleman, (2001, p. 12):

Nos primeiros anos do ensino fundamental, os alunos devem aprender a reconhecer e classificar com precisão seus sentimentos e como eles os levam a agir. Nas séries do segundo ciclo fundamental, as atividades de empatia devem tornar a criança capaz de identificar as pistas não-verbais de como outra pessoa se sente; nos últimos ciclos do fundamental, elas devem ser capazes de analisar o que gera estresse nelas ou o que as motiva a ter desempenhos melhores. E no ensino médio, as habilidades SEL incluem ouvir e falar de modo a solucionar conflitos em vez de agravá-los e negociar saídas em que todos ganhem.

Logo, podemos perceber que esse método de direcionar os alunos para aprimorar a autoconsciência, o autocontrole e acrescer sua empatia facilitando assim um melhor relacionamento interno e externo, é formar um indivíduo mais autônomo e confiante, mostrando que são capazes de controlar e gerar emoções a seu favor para um melhor desempenho.

Vale ressaltar também, que com o desenvolvimento desse método, o ambiente escolar torna-se mais agradável e o ato de aprender mais prazeroso, quebrando assim o velho paradigma de um local com autoritarismo e intolerância resultando assim em uma redução na evasão escolar.

No Brasil, a BNCC estabeleceu as 10 competências gerais onde foram inclusas as competências socioemocionais, sendo elas: conhecimento, pensamento (científico, crítico e criativo), repertório cultural, comunicação, cultura digital, trabalho e pro-

jeto de vida, argumentação, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação, responsabilidade e cidadania, que foi homologada em 2017.

Diante disso, podemos observar escolas se movendo para trabalhar com tais competências utilizando-se de meditação, dinâmicas, jogos, debates e apostilas contendo atividades que desenvolvem habilidades socioemocionais.

Segundo a Sbie(Sociedade Brasileira de Inteligência Emocional) em uma postagem realizada em seu site em outubro de 2015, diz que a I.E é considerada uma construção permanente, ou seja, é algo que se inicia no meio familiar, mas também deve ser trabalhada nos demais espaços que o indivíduo venha a se inserir, onde eles irão aprender a se relacionar com as outras pessoas.

Com isso logo se pensa nas instituições de ensino, já que são os locais onde crianças, jovens e adultos passam a maior parte do seu tempo e se relacionam a todo momento. Sendo assim, além das disciplinas comuns já trabalhadas como Matemática, Língua Portuguesa e História, se faz necessário introduzir a Inteligência emocional.

Os professores têm funções importantes na formação do indivíduo, mediando-o, capacitando-o e encorajando-o, a terem um entendimento de seus diversos tipos de emoções, para que possa lidar com eles, de forma mais construtiva, adquirindo auto-estima e possivelmente que saibam gerenciar possíveis conflitos.

Assim destaca Goleman (2001, p. 21):

Aos professores, sugiro que considerem também a possibilidade de ensinar às crianças o alfabeto emocional, aptidão básica do coração. Tal como hoje ocorre nos Estados Unidos, o ensino brasileiro poderá se beneficiar com a introdução, no currículo escolar, de uma programação de aprendizagem que, além das disciplinas tradicionais, inclua ensinamentos para uma aptidão pessoal fundamental - a alfabetização emocional.

Para Goleman, falar em alfabetização emocional significa fazer uma reflexão sobre as funções da escola na vida do aluno.

As crianças que desenvolvem inteligência emocional ganham confiança em suas capacidades pessoais e intelectuais. Constroem melhores relacionamentos, são capazes de comunicar o que querem o que sentem e o que pensam. No futuro há grandes chances de se tornarem adultos com menos envolvimento com bebidas, drogas e violências. E, ainda diminui o índice de depressão e ansiedade, proporcionando um nível de desenvolvimento escolar ainda melhor. (GOLEMAN, 2001, p. 34)

Assim é necessário saber lidar com as emoções nos currículos escolares, para que se possam estabelecer melhores relações de aprendizagem

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui postas servem para reafirmar que este Trabalho de Conclusão de Curso, a importância de explorar pedagogicamente a inteligência emocional em sala de aula, desde as séries iniciais. Foi exposto que é por meio da inteligência emocional que se pode conseguir uma compreensão das diversas habilidades pedagógicas para direcionar as emoções dos educandos para o bom entendimento e para a aprendizagem.

Assim, ao considerar que a inteligência emocional está ligada ao desenvolvimento das habilidades emocionais, é por meio dela que são percebidas e compreendidas com foco na mudança no comportamento e na aprendizagem satisfatórias. As crianças que desenvolvem inteligência emocional ganham confiança em suas capacidades pessoais e intelectuais. Constroem melhores relacionamentos, são capazes de comunicar o que querem o que sentem e o que pensam. No futuro há grandes chances de se tornar adultos mais seguros de si, com mais capacidade para lidar com as pessoas e solucionar problemas no meio social em que vive. Podemos afirmar que a inserção do estudo da inteligência emocional nas escolas implica um mandado ampliado para todos os atores envolvidos com a educação. Essa temerária tarefa exige três grandes mudanças: que o educador vá além de sua missão tradicional de ensinar a ler e a escrever; que as escolas incluam em seu currículo o ensino das emoções; e que as famílias e pessoas da comunidade se envolvam mais com as escolas.

A educação emocional no contexto escolar constitui-se em um novo caminho para inserir as emoções e a vida social nos currículos formais. As lições emocionais podem fundir-se naturalmente com leitura e escrita, saúde, ciência, estudos sociais e também com outras disciplinas padrão. A escola é um dos espaços para se despertar essas relações, sendo necessário que se inclua no currículo escolar estudos sobre as habilidades sociais e emocionais na aprendizagem cognitiva de conteúdos escolares com mais sentido e significado para a vida.

REFERÊNCIAS

COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

DAMÁSIO, Antônio R. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo. Companhia das Letras, 2014.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

_____. **Trabalhando com a inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GOLEMAN, D.; BOYATZIS, R.; MCKEE, A. O poder da inteligência emocional : a experiência de liderar com sensibilidade e eficácia. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RÊGO, Cláudia Carla de Azevedo Brunelli; ROCHA, Nívea Maria Fraga. **Avaliando a educação emocional**: subsídios para um repensar da sala de aula. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, 2009

FONSECA, Vítor da. **Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica**. Revista psicopedagogia. vol.33 no.102 São Paulo, 2016.

RITA, A. C. **Educação emocional em contexto escolar**. Loulé, Portugal, INUAF, 2012.

PIAZZI, P. L. **Aprendendo inteligência**: manual de instruções do cérebro para estudantes em geral. Ed. Goya, 3 ed., v. 1, 2008.

SITE ESCOLA DA INTELIGÊNCIA. **A educação emocional pode gerar uma revolução social**. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/a-educacao-emocional-pode-gerar-uma-revolucao-social/> Acesso em: 25 de novembro de 2019.

SELI, P., WAMMES, J. D., RISKO, E. F., & Smilek, D. **On the relation between motivation and retention in educational contexts**: The role of intentional and unintentional mind wandering. *Psychonomic Bulletin & Review*, 23, 1280–1287. <https://doi.org/10.3758/s13423-015-0979-0>, 2016

TYNG, C. M., AMIN, H. U., SAAD, M. N. M., & MALIK, A. S. **The influences of emotion on learning and memory**. *Frontiers in Psychology*, 8, 1454. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01454>, 2017.

UM, E., PLASS, J. L., HAYWARD, E. O., & HOMER, B. D. **Emotional design in multimedia learning**. *Journal of Educational Psychology*, 104, 485–498. <https://doi.org/10.1037/a0026609>, 2012.

WEDDERHOFF, E. **Educação emocional: Um novo paradigma pedagógico?**. Santa Catarina, Revista Linhas, v. 2, n. 1, 2001.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS TERESINA-CENTRAL
DIRETORIA DE ENSINO
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DE PROFESSOR
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM FÍSICA



FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: A EDUCAÇÃO EMOCIONAL COMO FUNDAMENTO DA APRENDIZAGEM

ALUNA: Hygor Melo de Sena – IFPI

DATA: 20 de dezembro de 2021.

Artigo defendido junto ao Departamento de Formação de Professores, **APROVADO** pela Banca examinadora.

Teresina, 20 de dezembro de 2021.

Profa. Ma. Francisca de Fátima Lima Sousa - IFPI
Orientadora e Presidente da Banca

Profa. Dra. Francisca da Rocha Barros – IFPI
Avaliadora

Prof. Me. Etevaldo Macedo Valadão – IFPI
Avaliador